



## CIDADES PEQUENAS, PESSOALIDADE E FAMÍLIA NA PERSPECTIVA DO ARMÁRIO GAY<sup>1</sup>

### SMALL CITIES, PERSONALITY AND FAMILY FROM THE GAY CABINET PERSPECTIVE

### PEQUEÑAS CIUDADES, PERSONALIDAD Y FAMILIA DESDE LA PERSPECTIVA DEL GABINETE GAY

Bruna Silva Araújo<sup>2</sup>  
Fernanda Maria Vieira Ribeiro<sup>3</sup>

Recebido: 21/04/2021

Aceito: 01/07/2021

#### RESUMO

O presente artigo visou discutir e problematizar, por meio das impressões de jovens lésbicas e homossexuais, as cidades pequenas localizadas na região Norte do estado do Ceará, em específico, nos arredores da cidade de Sobral/CE. A discussão sobre cidade proposta neste artigo perpassou os conceitos de personalidade e família a partir da metáfora: estar “dentro ou fora” do armário gay. O propósito foi entender as relações desses jovens universitários(as) com as cidades a partir das óticas da sexualidade e da moralidade por meio de suas experiências e histórias de vida. Dessa forma, entendeu-se o armário gay como uma situação que gera experiências cidadinas conflituosas para aqueles(as) que vivenciam sexualidades dissidentes.

**Palavras-chave:** Cidades Pequenas. Homossexualidade. Família.

#### ABSTRACT

This article aimed to discuss and problematize, through the impressions of young lesbians and homosexuals, the small towns located in the northern region of the state of Ceará, specifically, around the city of Sobral/CE. The discussion about the city proposed in this article permeated the concepts of personhood and family from the metaphor: being “in or out” of the gay closet. The purpose was to understand the relationships of these young university students with cities from the perspectives of sexuality and morality through their experiences and life stories. Thus, the gay closet was understood as a situation that generates conflicting city experiences for those who experience dissident sexualities.

**Keywords:** Small Cities. Homosexuality. Family.

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado do texto monográfico produzido pela primeira autora deste trabalho sob orientação da segunda autora.

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Antropologia pelo Programa Associado de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [brunasilva277@hotmail.com](mailto:brunasilva277@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

## RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo discutir y problematizar, a través de las impresiones de jóvenes lesbianas y homosexuales, los pequeños pueblos ubicados en la región norte del estado de Ceará, específicamente, en los alrededores de la ciudad de Sobral / CE. La discusión sobre la ciudad propuesta en este artículo permeó los conceptos de persona y familia a partir de la metáfora: estar “dentro o fuera” del armario gay. El propósito fue comprender las relaciones de estos jóvenes universitarios con las ciudades desde la perspectiva de la sexualidad y la moral a través de sus vivencias e historias de vida. Así, el armario gay se entendió como una situación que genera experiencias de ciudad conflictivas para quienes experimentan sexualidades disidentes.

**Palabras clave:** Pequeñas Ciudades. Homosexualidad. Familia.

## INTRODUÇÃO

Discutiremos neste artigo as impressões de jovens lésbicas e homossexuais estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Sobral/CE, sobre suas cidades natais no que tange à (im)possibilidade de nelas viver plenamente sua sexualidade. Procuramos compreender como o movimento de deslocar-se para Sobral em busca do ensino superior provoca um novo olhar acerca das vivências na cidade natal e novas experiências em Sobral. Para tanto, levamos em consideração suas relações com a família nuclear que segue vivendo na cidade de origem e, também, o contato com os(as) moradores(as) dessas cidades.

É importante frisar que o movimento de se deslocar para Sobral em busca de mais oportunidades no que se refere ao ensino superior é comum na região Norte do Ceará. A mudança de estudantes para a referida cidade, como observam Martins e Braga (2013), se dá devido à “política de expansão” da qual Sobral foi contemplada. Assim, a cidade que contava somente com o *campus* da UVA, recebeu diversas universidades públicas e Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, tornando-a uma referência na região.

Meu interesse pessoal como pesquisadora sobre esse movimento torna-se latente logo no início da graduação em Ciências Sociais, pois assim como meus interlocutores e interlocutoras, eu me deslocava de Itapipoca/CE (minha cidade natal) para Sobral. Como estudante, para que fosse possível estar no ensino superior, esse trânsito entre cidades era necessário. Pensar Sobral como cidade que recebe demanda significativa de estudantes oriundos(as) de outras regiões vizinhas é uma questão importante. Desse modo, descrevo as impressões de minha chegada à cidade, a fim de narrar como Sobral se apresenta aos(às) estudantes recém-chegados(as).

Consideremos uma cidade localizada a 230 km da capital do estado, Fortaleza. Consideremos também a mesma cidade localizada a 98,6 km de Itapipoca/CE, minha cidade natal. Um lugar repleto de ônibus universitários, sobretudo ao meio-dia, às seis da tarde e às dez da noite. Sobral parecia se distanciar bastante do movimento diário que meus olhos registraram durante os 12 anos que vivi em Itapipoca. Isso foi, antes mesmo das pretensões referentes à pesquisa, o que senti quando, em 2012, fui aprovada na UVA e me desloquei para residir em repúblicas estudantis. Um grande fluxo de estudantes e um trânsito repleto de ônibus universitários vindos de cidades “vizinhas” (mesmo não sendo o único meio de transporte, se tornava o mais notável). Essa era Sobral aos meus olhos e era em tal cidade e universidade que eu iniciaria minha trajetória acadêmica e onde, mais tarde, começaria esta pesquisa<sup>4</sup>.

As andanças por Sobral aos finais de semana, como também em feriados, demonstram como o movimento dos(as) estudantes é passageiro. É interessante deter-se nisso, pois a cidade reflete claramente como a volta para a cidade natal nos finais de semana cria uma nova Sobral, mais calma e com um menor fluxo de pessoas. Meus quatro anos como estudante, residente da cidade e pesquisadora me fizeram perceber como ela se reconfigura ao receber um grande número de estudantes, criando um calendário onde a quinta-feira torna-se sexta-feira (pré-final de semana).

Essa descrição nos faz, conseqüentemente, compreender Sobral como uma cidade universitária, o que de longe se mostraria como um título injusto, tendo em vista a carência em matéria de assistência estudantil, como também a falta de estrutura que a cidade possui para encaixar-se nessa categoria<sup>5</sup>. Assim, faz-se importante destacar que Sobral não se configura como uma cidade universitária, mas como uma cidade que recebe grande demanda de estudantes que estão na educação básica, nas universidades públicas e nas faculdades privadas. Esses estudantes são oriundos de diversas cidades da região Norte que percebem em Sobral a possibilidade de ingressar em diferentes instituições de ensino.

Compreendendo o contexto e a problemática apresentados nesta introdução, é importante ressaltar que as cidades natais (dos(as) estudantes) trabalhadas são: Morrinhos, o município de Nova Fátima – pertencente à cidade de Ipueiras –, Crateús e Forquilha. É preciso frisar que caracterizamos as referidas cidades como “pequenas” a partir do Instituto Brasileiro

---

<sup>4</sup> É importante fazer presente no texto as experiências do autor, mostrando que os primeiros apontamentos da pesquisa são resultantes das diversas vivências. Deixar-se afetar é também perceber que o(a) pesquisador(a) não é alheio à pesquisa, mas faz parte dela (GOLDMAN, 2005).

<sup>5</sup> Sobre essa discussão, ver Freitas (2012).

de Geografia e Estatística (IBGE), que considera tal definição para cidades com censo populacional de até 50 mil<sup>6</sup> habitantes.

Entendemos que este artigo visa a problematizar as experiências de universitários(as) lésbicas e homossexuais que estudam na UVA, mas que mantêm vínculos com suas cidades de origem e com suas famílias que lá residem. A proposta é lançar um olhar crítico acerca das cidades pequenas e suas relações com Sobral a partir das vivências de gêneros e sexualidades dissidentes.

## **PERFIL DOS(AS) ESTUDANTES**

Inicialmente, é pertinente observar como se caracterizam os(as) estudantes interlocutores(as) desta pesquisa. A divisão desses(as) estudantes ocorre por meio do referencial teórico e da pesquisa de campo. Assim, foram realizadas diversas entrevistas e a partir delas produzimos os intitulados “perfis” a fim de detalhar as características dos(as) universitários(as) para o(a) leitor(a). Como escreve Debert (2004), a história de vida permite, por meio de nossos(as) interlocutores(as), pensar de forma mais criativa acerca das problemáticas de pesquisa. Assim, espera-se desse método de pesquisa que por meio da experiência possamos reformular e pensar novos pressupostos sobre as temáticas que nos propomos a pesquisar.

Dessa forma, por meio de entrevistas e referencial teórico, é necessário atentar-se a três categorias de estudantes<sup>7</sup> universitários(as) para que possamos, primeiramente, compreender como se dão as relações deles(as) com as suas cidades natais e com Sobral. Essas características são importantes para perceber as possibilidades e limitações dos(as) estudantes com as cidades, como também com a própria universidade.

A primeira categoria de estudantes remete àqueles(as) que utilizam o transporte universitário e/ou que são “estudantes viajantes”: é uma característica que diferencia estudantes que não residem em Sobral. Estes optam por esse meio sobretudo por questões financeiras juntamente com a ausência de assistência estudantil para jovens que possuem, em sua maioria, baixa renda<sup>8</sup> familiar. É importante frisar que o cotidiano no interior do transporte cria novos significados por estes, caracterizando, assim, as viagens diárias (FREITAS & BRAGA, 2011). Como destaca Freitas e Menezes (2008), as práticas religiosas, comerciais, de alimentação e

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf>

<sup>7</sup> Os nomes utilizados ao longo do texto são fictícios para preservar a identidade dos(as) interlocutores(as).

<sup>8</sup> Segundo os dados, cerca de 74,61% dos(as) estudantes graduados pela UVA no ano de 2015 possuíam renda mensal familiar de até dois salários mínimos; 66,16% são oriundos de outros municípios. Disponível em: [http://www.uvanet.br/documentos/numeros\\_daf3747a934412c7f3140f53e14115fa.pdf](http://www.uvanet.br/documentos/numeros_daf3747a934412c7f3140f53e14115fa.pdf)

lazer são as principais formas de sociabilidade presentes no veículo e que transformam o ônibus em um lugar. Uma microssociedade que é construída por diversas práticas e relações, desde relacionamentos amorosos à indiferença.

A segunda categoria de estudantes remete àqueles(as) estudantes que residem em Sobral e têm a possibilidade de instalarem-se em repúblicas estudantis juntamente com outros(as) estudantes<sup>9</sup>. Freitas (2012) observa que as relações são permeadas por diversas interações e a universidade, para as pessoas que têm acesso a ela, torna-se uma dessas interações. As repúblicas estudantis, como ampliação da universidade, possibilitam diversas experiências durante o período de formação. Dessa forma, elas se tornam um ambiente no qual os(as) estudantes, durante a trajetória acadêmica, partilharão experiências e vivenciarão a cidade. Lá são construídas novas relações afetivas com os(as) demais moradores, como também com outros(as) universitários(as).

Os(as) universitários(as) sobralenses fazem parte da terceira categoria. É importante frisar que, neste artigo, o foco será direcionado apenas às duas primeiras categorias de estudantes: os estudantes viajantes e os estudantes oriundos de outros municípios que residem em Sobral.

Por fim, ainda sobre o perfil dos(as) estudantes, é necessário observar que é comum que os(as) residentes e viajantes frequentem esses dois espaços, partilhando, assim, as vivências nas repúblicas, como também (mesmo que rapidamente) nos ônibus universitários.

## **LOCALIZANDO A CIDADE NATAL: EXPERIÊNCIAS NA PEQUENA CIDADE**

O habitante da pequena cidade<sup>10</sup>, como destaca Simmel (2005), é, sobretudo, marcado pelo sentimento, pois essas raízes adentram aos níveis mais inconscientes e, calmamente, faz com que ele desenvolva hábitos. Assim, quanto menor o limite espacial que determina o meio, mais limitadas tornam-se as relações frente ao outro. Há, então, uma vigilância com relação à conduta, às realizações e à mentalidade dos indivíduos. Simmel (2005) nos alertará ainda que desde a Idade Média europeia há um controle nas relações construídas na cidade pequena. Quanto menor se constitui o círculo espacial que nos circunda, menor também é o limite que demarca as relações com os outros.

---

<sup>9</sup> É importante destacar que a recente criação da residência universitária da UVA, em 20 de junho de 2018, ocorreu posteriormente à coleta dos dados que subsidiaram a redação deste arquivo, dessa forma, não é possível avaliarmos plenamente seus impactos. Fonte: <https://www.sct.ce.gov.br/2018/06/20/residencia-universitaria-da-uva-e-inaugurada/>

<sup>10</sup> Ao mencionar “pequena cidade”, estaremos nos referindo às cidades natais dos(as) estudantes.

Perceber que esses limites se fazem presentes na cidade é alertar-se como tal vigilância e proximidade respingam na construção das relações e das subjetividades dos(as) estudantes lésbicas e homossexuais. O controle simbólico da cidade está entrelaçado também com o fato “de todo mundo se conhecer”<sup>11</sup>. É importante destacar que as pequenas cidades, como bem observa Silva (2000), são marcadas pela pessoalidade que se faz presente em suas relações sociais e acabam gerando um controle (mesmo que inconsciente) entre seus membros. Dessa forma, é percebido que o controle sobre os comportamentos de jovens vindos de tais cidades não está apenas relacionado à família, mas também ao espaço público. O “público”, nesse caso, desempenha papel de avaliação e julgamento, haja vista que o espaço denominado “vizinhança” atua como “órgão” avaliador da conduta de seus membros.

A seguir, um estudante narra sua relação com a cidade natal:

Morrinhos<sup>12</sup> não dá pra mim, a maioria dos meus amigos são homofóbicos. [Na cidade] já me ameaçaram, eu tava lá, tava passando e disseram: olha, parece um gay, se tu virar gay eu te bato. [Isso] Foi uma das coisas (Luís, entrevistado em 2016).

Luís é um homem cisgênero<sup>13</sup> homossexual aprovado no curso de Ciências Sociais pela UVA. O estudante ainda não iniciou suas aulas no curso, mas apesar disso mudou-se para Sobral. O trecho da entrevista destacado acima se refere às vivências de Luís em sua cidade natal, Morrinhos, e revela como se dá o controle da homossexualidade. Sem dúvidas, a referência ao falatório<sup>14</sup> em todas as entrevistas, para a pesquisa, foi a principal categoria destacada pelos(as) interlocutores, alertando-se sempre quanto à forte pessoalidade presente nas pequenas cidades.

Silva (2000) observa que existe uma busca para adequar-se às expectativas que culturalmente foram determinadas por grupos anteriores e que acabam sendo impostas sutilmente nas cidades pequenas. A quebra de tais regras poderia causar “falatório” em tal espaço, tornando-se algo negativo, tendo em vista que a pessoalidade é palavra-chave que simboliza tais relações. O fato de que “todo mundo se conhece e se mete na vida de todo mundo” reflete e denuncia o controle social que há nesses espaços. A autora destacará ainda que os espaços assim demarcados são usados como forma de distinção entre seus membros e, para pertencer às redes de relações constituídas, devem ser seguidas regras de convivência.

<sup>11</sup> As falas e expressões nativas serão marcadas com aspas duplas.

<sup>12</sup> Censo populacional: 22.067 habitantes; distância de Sobral/CE: 68,4 km. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/morrinhos/panorama> Acesso em: 29 maio 2017.

<sup>13</sup> A palavra “cisgênero” é utilizada para frisar que o gênero do indivíduo está orientado (e não é orientação fixa) de acordo com a genitália.

<sup>14</sup> Vide Silva (2000).

As vivências na perspectiva da coletividade, como ressalta Silva (2000), buscam o reconhecimento. Para tê-lo, faz-se necessário adequar-se às regras que estão presentes nos espaços da cidade e, para alcançá-lo, tem de ser cumprido um papel social estabelecido pelo grupo. As pessoas que compõem esse espaço, por vezes, não percebem tais regras e as seguem como um padrão de comportamento estabelecido anteriormente. A profunda pessoalidade entrelaçada à busca por tal reconhecimento garante adequação às regras culturais impostas, evitando o falatório na cidade.

O anonimato na pequena cidade se mostra como improvável, mesmo com o desempenho de diversos papéis sociais, pois a pessoalidade é forte característica dessas relações. Destarte, os modos de relações formais se mostram fundamentados na afetividade, no parentesco e no “respeito”, possibilitando maior confiança e segurança frente às regras do código de “convivência” (SILVA, 2000).

É interessante compreender que em meio ao que se entende por regras culturalmente estabelecidas, é possível considerar a heteronormatividade<sup>15</sup> como uma dessas regras que permeiam as relações estabelecidas na cidade natal dos(as) estudantes, ou seja, a heteronormatividade sob o controle da família.

A seguir, Felipe narra suas experiências com familiares em Nova Fátima<sup>16</sup>, sua cidade natal:

Meu irmão que mora no Rio de Janeiro, ele veio passar uma temporada lá no meu lugarzinho, né? E daí, ele acabou sabendo de uma história que ele chegou lá em casa terrivelmente alterado; e era assim, uma história que não tinha acontecido, não era um fato verídico, mas ele chegou em casa, como eu posso dizer, estressado demais, da conversa, porque ele quis arrumar confusão com o cara que contou tal história pra ele, e ele chegou em casa querendo arrumar confusão comigo, eu ainda era um moleque e ele da minha família. Eu igualaria ele ao meu pai, porque ele sim é um cara extremamente machista, ele é um cara extremamente homofóbico, ele é um cara assim, sem palavras, tá entendendo? (Felipe, entrevistado em 2015).

Felipe é um homem cisgênero homossexual estudante do curso de Ciências Contábeis. A narrativa acima remete às expectativas majoritárias que se fazem presentes em meio ao espaço da pequena cidade. As regras de boa convivência estão relacionadas também à orientação sexual de seus membros. Nosso interlocutor narra a angústia que o falatório causa

---

<sup>15</sup> Miskolci (2014) destaca que a heteronormatividade se configura como uma regra social que veladamente impõe a heterossexualidade, mas não objetivamente a condição sexual; esta também se revela nas relações homossexuais quando estabelece tais normas. É esperado socialmente que os sujeitos sigam uma linearidade entre sexo, gênero e práticas sexuais, designada no nascimento. Assim, é importante frisar que a heterossexualidade não é condição sexual natural. Essa orientação e seu domínio se constituem sob apoio cultural e político. Dessa forma, se mostra veladamente e de modo sofisticado como uma hegemonia social.

<sup>16</sup> Nova Fátima é um distrito que pertence à cidade de Ipueiras/CE. Censo populacional: 3.378 habitantes, aproximadamente. Fonte: entrevista.

no espaço familiar. Independentemente da veracidade, se compreende que o controle da vizinhança é um dos construtores da subjetividade de seus membros.

Abaixo, Maria descreve sua relação com Crateús<sup>17</sup>, sua cidade natal:

Eu fui ver ela<sup>18</sup> no Carnaval, eu tinha ido ver ela em julho e eu fui ver ela em fevereiro, porque é um lugar que eu não me sinto bem, eu não me sinto representada, eu não me sinto aceita. É um lugar que parece que me expulsa quando eu vou lá. Eu acho que não sou obrigada a adoecer minha alma voltando lá e batendo de frente, porque lá não é um ambiente que eu vá desconstruir as vizinhas da minha mãe, lá não é um ambiente que eu vá conversar com os meus antigos colegas de escola e eles vão passar a me respeitar, sou eu lutando contra anos de cultura, são anos de associação do viado é ofensa, são anos da puta (Maria, entrevistada em 2016).

Maria é uma mulher cisgênero lésbica, estudante do curso de Física. No trecho acima, a estudante se refere ao distanciamento da cidade e à angústia por ela experimentada frente à heteronormatividade atrelada ao falatório e à personalidade presentes em sua cidade natal. O trecho também abre margem para pensar as vivências na educação básica, tendo em vista que, em sua narrativa, a referência às experiências com os colegas é negativa. Segundo Miskolci (2014) (abrindo breve parêntese), é possível problematizar acerca da educação, observando que esta, assim como diversos aparatos culturais e políticos, se faz com o propósito de adequar os(as) sujeitos ao que a sociedade considera como “normal”, suprimindo a expectativa da heterossexualidade. As demais formas de gênero, sexualidade e/ou desejo acabam por sofrer punição social dependendo do contexto no qual estejam inseridos.

É interessante mencionar nesse momento que, ao pensar e construir as entrevistas, o campo e seu recorte, nunca tentei, pessoalmente, pesquisar a educação básica. Entretanto, em todas as entrevistas os(as) estudantes comentavam sobre suas experiências negativas no âmbito escolar, como um espaço que não consegue lidar com a diversidade de gênero, sexual e, sobretudo, com a homofobia que permeia esses espaços. É certo que aqui, para os fins deste trabalho, lida-se com um recorte focado nos(as) estudantes universitários(as) e nas suas experiências na universidade. Contudo, na formulação das suas narrativas e no movimento de rememorar o vivido, meus interlocutores abriam breve espaço para relatar o quanto o ambiente escolar foi para eles um espaço de acentuada homofobia.

---

<sup>17</sup> A cidade natal de Maria é Crateús. O censo populacional estimado é de 17.968 habitantes; distância de Sobral/CE: 216 km. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230410> Acesso em: 30 maio 2017.

<sup>18</sup> Mãe da interlocutora.

## PENSANDO O ÂMBITO FAMILIAR E O ARMÁRIO GAY NA CIDADE NATAL

Segundo Sedgwick (2007), pensar o “estar dentro” do armário gay é perceber que a metáfora do armário se concretiza de acordo com o meio social no qual o(a) estudante esteja inserido(a). O armário gay se constitui sob uma incoerência entre os termos do “público” e do “privado”, fazendo parte do que se compreende como significado do ser gay. A imagem do armário gay é reflexo da homofobia e se apresenta de forma distinta das demais opressões.

A seguir, Luís narra o receio que permeia suas relações familiares sobre a possibilidade de ele assumir-se gay:

A mãe é um medo muito grande de eu ser e me assumir, né? Teve um tempo que eu tava namorando com essa mesma pessoa, depois que isso aconteceu e ela percebeu que eu tava ficando com ela, ela pegou, me proibiu de sair de casa, meio que me proibiu. Meus amigos, eu esqueci todos, aí no meio dessa coisa eu resolvi fazer uma bobagem com a minha vida, não gosto de comentar, mas eu meio que ia fazer uma bobagem. Aí eu passei uma semana no hospital e tudo, tentativa de suicídio, no caso; aí a doutora disse pra mim que não era mais pra mim morar [lá] porque eu não aguentava mais, que ela disse que eu tentei suicídio e que a qualquer hora eu poderia tentar de novo. Aí ela mandou eu ir no psicólogo e viajar, não pensar mais em problema e tudo. Eu fui dizer isso pra minha mãe, a minha mãe disse: ‘não, tu não vai sair daqui não, tu vai ficar aqui, tu não vai sair daqui de jeito nenhum’. Eu só peguei, arrumei dinheiro e fui pra Fortaleza, quis nem saber. Aí, lá eu fiquei um bom tempo, senão eu ia fazer outras coisas, né? Coisas erradas (Luís, entrevistado em 2016).

Pensar a perspectiva da construção do armário gay na cidade natal dos(as) estudantes é imaginá-lo entrelaçado com o controle familiar, como também com a personalidade presente nas experiências vivenciadas na pequena cidade. A exigência de ter o filho perto é uma estratégia que oportunizaria uma maior vigilância da sua conduta; do ponto de vista de Luís, estar longe, por sua vez, é não apenas estar distante da vizinhança (público), mas também estar distante da vigilância familiar. A narrativa acima também possibilita escrever sobre nossa angústia ao ouvi-lo e atentar-nos à posição da mãe. Não temos o propósito aqui de adentrar na esfera da saúde mental, pois nossa formação e pesquisa nos impedem, contudo, além de alarmante, faz-se necessário levar em conta como a busca pelo controle da orientação sexual pode prejudicar a saúde física e mental dos(as) estudantes. Ao apontarmos aqui nossa inquietação com a situação acima referida, não definimos que os desdobramentos dela sejam o caso em todas as situações de controle familiar; parece-nos, contudo, que a narrativa acima apresentada denuncia como o papel da família pode ser uma ferramenta extremamente importante e preocupante, frente à construção das diversas facetas do armário gay. Assim, os relatos apontam que é indispensável compreender a experiência do jovem não apenas na

universidade, mas também entender essas “bagagens” que os acompanham desde a cidade de origem e que os fazem buscar liberdade em outros espaços fora da cidade natal.

Entender o que a família representou e representa é ferramenta importante para compreender a sua importância para tais estudantes e para a sociedade. Como ressalta Osterne (2004), as mais variadas formas refletiram e construíram o que se entende por família no Brasil. O significado dominante de família consiste na imagem chave de um pai, mãe e filhos no âmbito doméstico unidos por relações de parentesco, de filiação e de consanguinidade. Tal ideia se introduz na imaginação e se caracteriza como um conjunto de pessoas com algum tipo de ligação que residem sob o mesmo teto. A autora ressalta que a família é recorte de uma determinada “realidade” social. Assim, como menciona Bourdieu, a família é constituída socialmente e se torna comum em meio à sociedade. Tal ideia de base familiar, como indica Scott (2001), é resultado de diversas interpretações e construções históricas que resultaram na família patriarcal. Há um Estado forte e centralizador e o patriarca tornar-se o símbolo da base familiar. Nesse momento, nascem os primeiros discursos e estudos sobre gênero, moral masculina e feminina. Sobre moral, Scott (2001) reforça que havia uma dupla moral, ou seja, uma moral específica direcionada ao homem e outra para a mulher.

A seguir, Felipe descreve a relação familiar com a figura paterna e materna:

O meu pai sempre foi um cara bem desligado, meu pai é um típico roceiro, um típico homem das cavernas; meu pai é criado numa época, numa geração de pulso forte, de pulso firme, uma coisa bem bruta. Eu nunca vi meu pai demonstrar carinho pros filhos, tipo assim, até certo ponto eu boto culpa na criação dele, mas enfim. Com a minha mãe, eu sempre tive um diálogo aberto, e eu tentei inserir esse diálogo, inserir essas conversas, inserir alguma coisa pra falar sobre, pra puxar assunto, não pra me assumir naquele momento, mas pra ver qual que era a posição dela, ver o que ela pensava sobre isso, e aí eu encontrei um empecilho muito grande que foi a religião. Minha mãe... Ela é católica, até certo ponto eu a considero uma fanática religiosa, não sei se ela é, porque assim, eu não tenho um padrão de fanatismo religioso pra poder encaixar ela ou não. E teve umas duas vezes nesse período de tempo, que eu já morava no Ipu, que eu falei pra minha mãe que eu era gay, só que ela ficou um pouco agitada assim, um pouco estressada, e minha mãe tem um problema de pressão alta, e eu sempre levava a conversa pro lado cômico, eu dizia: ‘Mãe é brincadeira, a gente tava conversando aqui uma coisa e eu soltei a brincadeira, por isso ficou’, aí sempre a conversa se desfazia nisso. Então com relação aos meus pais eu sempre tive o medo maior, meu medo maior era meu pai e minha mãe, principalmente meu pai, porque minha mãe querendo ou não tem uma mente mais aberta, eu colocava ela no fundo da caverna, mas ainda há uma esperança, o meu pai, não, meu pai tá lá e de lá ele nunca vai sair (Felipe, entrevistado em 2015).

A narrativa de Felipe se refere à autoridade do pai que permeia o âmbito familiar. O pai (como também as demais figuras masculinas, irmãos etc.) representa a principal barreira no que se refere ao armário gay. De certo modo, as relações dentro do ambiente familiar são reflexos também da sociedade patriarcal; se fazem em torno da autoridade masculina que se

constrói como uma das principais barreiras para o ato de se assumir gay. A figura masculina sempre é descrita como fonte do principal receio, não apenas por parte dos(as) estudantes, mas da mãe e/ou dos demais membros da família. A dinâmica, como também as escolhas e os posicionamentos, estão completamente ligados à autoridade masculina que, de modo velado, pode ser vista como um dos principais receios dentro do âmbito familiar. É importante frisar que direcionar totalmente o poder sobre a casa à figura masculina é injusto. Apesar de essa figura se constituir como detentora de poder, tal posição também percorre as demais figuras masculinas e femininas presentes na família. A citação sobre o falatório mencionada no início deste artigo nos revela tais posições.

De certo modo, como frisa Sarti (1997), a família se compõe por relações de igualdade, mas o fruto da sua própria constituição implica em uma autoridade que desempenha a função de socialização das crianças. O que se torna questão na família em uma perspectiva de individualidade não é a direção somente para a autoridade em si, mas o princípio da hierarquia que a permeia e na qual esta se fundamenta. É importante observar que a constituição de família conceituada acima é necessária para compreender como os modelos de família e sua autoridade, força e controle se refletem no papel que ela desempenha sobre os filhos. Contudo, como destaca Osterne (2004), é preciso que se deixe de lado os discursos cotidianos que buscam a universalização do conceito de família, tendo em vista que esta é uma construção cultural.

Pensando a sexualidade, com base em Foucault (1988), a família (pais, cônjuges) desempenha o papel principal de um dispositivo da sexualidade que, primeiramente, viria a se apoiar em médicos e pedagogos e, posteriormente, nos psiquiatras que logo se empenhariam no ofício de psiquiatrizar as relações. A família torna-se, assim, uma das instituições-base para o dispositivo da sexualidade, pois tal mecanismo tem grande poder de penetrabilidade e repercussão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É necessário observar, segundo Silva (2000), que a vida cotidiana é organizada espacial e temporalmente de modos distintos em cada sociedade. A temporalidade da vida cotidiana é marcada nas cidades pequenas pelas constantes festas religiosas e por outros eventos que alcançam a população, sobretudo, por tradição. Assim, como ressalta a autora, as relações sociais construídas nas pequenas cidades são marcadas pela pessoalidade que reforça o controle sobre seus membros. Dessa forma, a casa refere-se aos olhares familiares, e o ambiente exterior é controlado primeiramente pela “vizinhança”. Assim, o espaço fora da família torna-se *locus*

importante para análise. O espaço é demarcado justamente para representar uma distinção que denomina cada membro como pertencente a uma determinada rede, e para que se possa fazer parte desta é necessária uma série de regras de convivência e de comportamento, pois todo mundo se conhece.

Sobre pessoalidade, Silva (2000) menciona as vivências que os indivíduos constituem em tal coletividade buscando o reconhecimento e, de certo modo, uma reciprocidade, ou seja, é esperado que os comportamentos correspondam às expectativas e “regras” já existentes. Os membros de tal coletividade submetem-se às regras, muitas vezes sem perceber que tal norma permeia os espaços para, posteriormente, obter o reconhecimento necessário nas relações sociais marcadas pela pessoalidade, ou seja, não se deve burlar as normas enraizadas culturalmente, pois “não se deve causar falatório”.

Raul, homem cisgênero homossexual, estudante do curso de Ciências Sociais e residente da cidade de Forquilha<sup>19</sup>, narrou ao longo da pesquisa de campo o controle e a pressão que sua família exerce sobre ele. Seu pai é militar, toda a família é evangélica e esse contexto gerava grandes conflitos no que se refere à orientação sexual, como também com a sociedade, que vê o homem mais feminino como “ridículo”. É nesse contexto de pressão familiar que são geradas as primeiras facetas do armário gay, o que pode ser associado também às regras de boa convivência que são exigidas pelo público (vizinhança).

Pretendemos, neste artigo, lançar um olhar às pequenas cidades por meio das narrativas e experiências de jovens universitários(as) homossexuais. É importante ressaltar, a partir de Agier (2011), que neste texto não se busca direcionar às cidades uma perspectiva de totalidade, mas percebê-las a partir de situações. O armário gay é um exemplo de uma situação que gera experiências cidadinas conflituosas para aqueles(as) que vivenciam sexualidades dissidentes.

Por fim, buscamos, sobretudo, levantar questões e problemáticas sobre o que perpassa as experiências de jovens que não se adequam às expectativas culturais no que se refere à orientação sexual. É interessante entender que aqui muito se falou sobre narrativas e “estórias de vida”. Entendemos, a partir de Kofes (1994), que as entrevistas trabalhadas ao longo do texto ultrapassam a vivência pessoal, pois essas narrativas interpretam, informam e discutem aspectos relevantes da sociabilidade e da moralidade das cidades pequenas da região Norte do Ceará. Dessa forma, nosso propósito não foi esgotar o debate sobre essas cidades, mas pensar a relação

---

<sup>19</sup> Censo populacional: 21.786 habitantes. Distância de Sobral/CE: 17 km. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=230435>. Acesso em: 29 fev. 2016.

dos jovens universitários(as) com elas a partir da perspectiva de gênero e das sexualidades dissidentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: CARDOSO, Ruth (Org). **A aventura antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p.141-156.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREITAS, Isaurora Cláudia de; MENEZES, Kímbelly Luisa Braga. Moradia e transporte estudantil: a experiência dos universitários da região Norte do Ceará. **Essentia**, Sobral, ano 9, n. 2, p. 103-119, 2008.

FREITAS, Isaurora Cláudia de. Repúblicas estudantis: a forma mais autêntica de viver o jeito universitário. In: FREITAS, Nilson Almino; FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de; MOTA, Francisco Alencar (Orgs). **Olhares sobre o Norte do Ceará: a contribuição das Ciências Sociais**. Sobral: Edições Universitárias, 2012. p.13-33.

FREITAS, Isaurora Cláudia de; BRAGA, José Ricardo Marques. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **O público e o privado**, n. 23, p.91-110, 2013.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, v.13, n. 13, p.149-153, 2005.

\_\_\_\_\_. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v.10, n.1, p.161-173, 2006.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p.117-141, 1994.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v.11, n.21, p.150-182, 2009.

\_\_\_\_\_. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre a Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes.**, v. 1 n. 2, p.8-25, 2014.

OSTERNE, Maria S.; FROTA, Maria H. (Orgs). **A família em sua multiplicidade de formas e sentidos**. Fortaleza: Ed. EDUECE, 2004.

SARTI, Cynthia. A família e a individualidade. In: CARVALHO, M. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC – Cortez, 1995. p.39-49.

SCOTT, Parry. **Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades**. Recife: Ed Universitária da UFPE, 2001.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v.28, p.19-54, 2007.

SILVA, Maria Joseli. Cultura e territorialidades urbanas – uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**. v.5, n.2, p.9-37, 2000.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v.11, n.2, p.577-591, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.